

CRISE

DEPENDÊNCIA DO GOVERNO FEDERAL FAZ BRASÍLIA SOFRER PRIMEIRO COM O ARROCHO DO FMI

EFEITO IMEDIATO NA CIDADE

Anamaria Rossi
Da equipe do **Correio**

Brasília, como qualquer outra cidade brasileira, não está imune aos efeitos da crise econômica e do ajuste fiscal. A ordem de enxugar despesas, que começa no setor público, atinge em cheio o funcionalismo e as empresas que prestam serviço ao governo. Justamente a espinha dorsal da economia local.

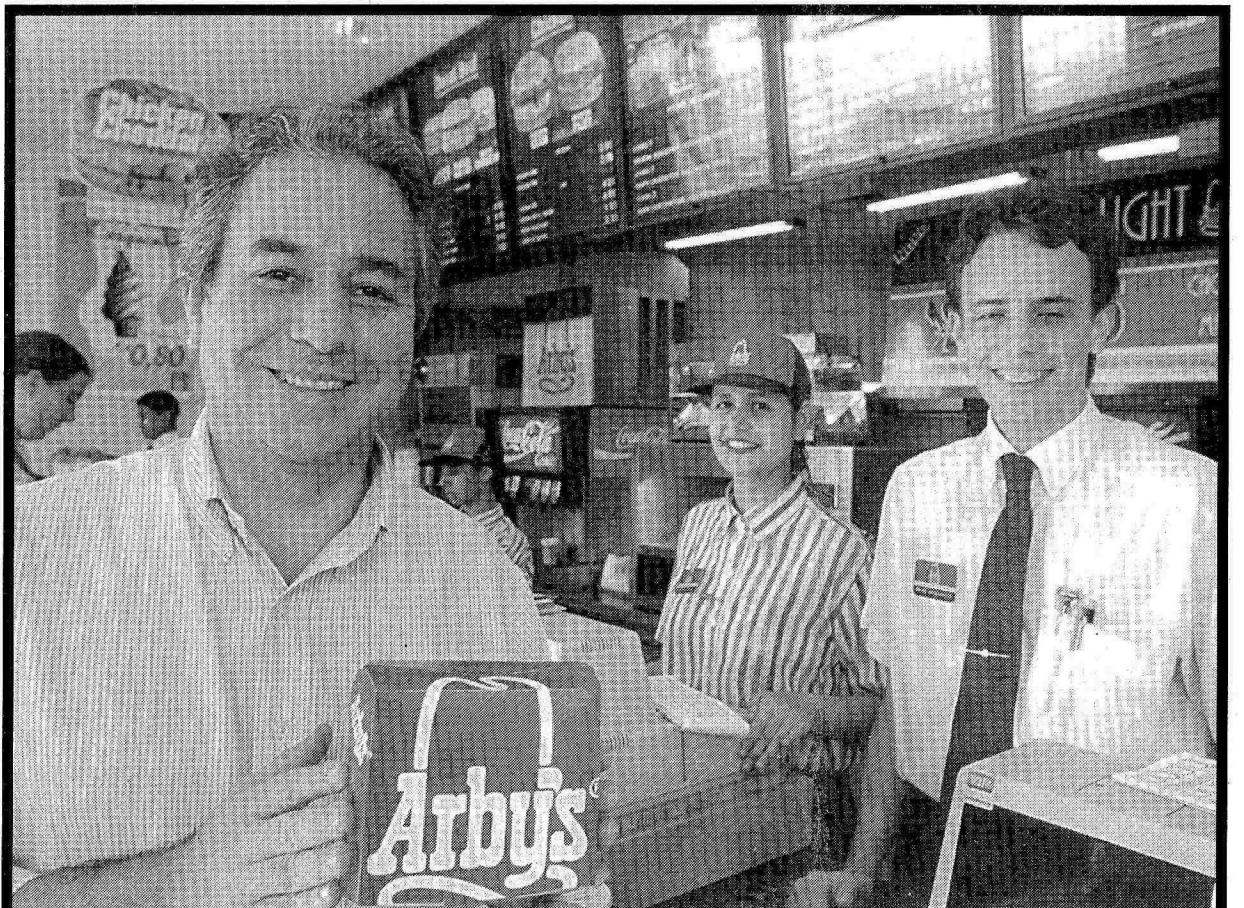
Com 2 milhões de habitantes e um Entorno que tem quase a metade disso, o Distrito Federal deixou de ser apenas a capital administrativa do país e, como qualquer outra metrópole brasileira, começa a enfrentar os efeitos da desestabilização da economia, da queda do real e, sobretudo, do ajuste fiscal.

DEPENDÊNCIA

Responsável por 35% do Produto Interno Bruto (PIB) e por 30% da mão-de-obra ocupada no DF, o setor público é o primeiro a sofrer as consequências do figurino "apertem os cintos" do Fundo Monetário Internacional (FMI). E mesmo do ajuste fiscal iniciado no ano passado, que levou o governo federal a reduzir gastos com pessoal e serviços. Nenhuma cidade sente tanto fundo na carne esses cortes quanto Brasília.

O arrocho nos gastos públicos en-

Nehil Hamilton 8.1.99



Stevanato, da Arby's, tem dúvida quanto a aumentar preços: "As exigências do FMI não estão muito claras"

cabeça a lista de fatores apontados pelo presidente da Federação do Comércio do DF (Fecomércio), Sérgio Koffes, como responsáveis pela queda acumulada de 27% nas ven-

das no DF no ano passado, pela redução de 17% das vendas de janeiro em relação a dezembro e pelo atraso que ele prevê na estabilização das vendas este ano.

"A dependência do setor público, o alto índice de desemprego, a redução dos contratos do governo federal com prestadores de serviços, a aprovação da contribuição previ-

denciária para aposentados e pensionistas e os quatro anos sem reajuste salarial para o servidor público estão na raiz da crise em Brasília", diz Koffes.

Certo de que o governo local não poderá fazer investimentos no primeiro semestre, Koffes espera do governador Joaquim Roriz o cumprimento da promessa de reajustar o salário do servidor (o reajuste médio, prometido para fevereiro, seria de 13%) e o pagamento de dívidas do GDF, que beiram os R\$ 200 milhões, com empreiteiras e prestadoras de serviço.

Nos primeiros dois meses do ano, segundo o empresário, é comum uma retração nas vendas, voltando o comércio a se estabilizar em março. "Mas este ano só haverá alguma estabilidade lá para julho ou agosto", prevê. Para evitar quebra de rede até que a situação se acomode, a Fecomércio orienta seus associados a fazer promoções, não contrair empréstimos em banco e reduzir despesas operacionais.

NEGOCIAÇÃO

Para o empresário Vicente Stevanato, dono das lojas Arby's da 505 Norte e do Conjunto Nacional e vice-presidente da Associação de Lojistas de Shoppings do DF, a única possibilidade de evitar que a crise tenha o efeito de um furacão no comércio local é promover uma am-

pla renegociação em toda a cadeia produtiva.

"É preciso substituir os produtos e insumos importados por similares nacionais, adequar a produtividade e renegociar os contratos numa base mais realista, para não termos que repassar todo o aumento para o consumidor", defende. O que o preocupa é que, desta vez, não há indexação de salários, como havia em outros momentos de crise.

Ele próprio está renegociando um financiamento feito em dólar para aquisição de equipamentos. E não sabe, ainda, se o melhor a fazer é aumentar ou não aumentar preços. "As regras, as exigências do FMI, não estão muito claras ainda." Enquanto isso, revê a planilha de custos para não ter que demitir.

Se para o comércio o momento é de retração, para a indústria é de investimento. É o que acredita Lourival Dantas, presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra). "Época de crise também é época de ganhar dinheiro. É só fazer o investimento certo", diz. A receita, para ele, tem dois ingredientes básicos: baixar custos de produção e fazer produtos diferentes dos que estão no mercado. "Aí, quando a economia reaquecer, você está preparado para concorrer."